

# O relacionamento entre robôs e humanos

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomércio-SP e membro da Academia Paulista de Letras

As discussões sobre trabalho e automação estão ficando cada vez mais intrigantes e interessantes. Para uns, os robôs precisam ser confiáveis para que os seres humanos os adotem (“Intelligent robots must be trusted by humans”, *Financial Times*, 4/8/2017). Para outros, os robôs precisam compreender como os seres humanos trabalham (“Robots must understand how people work”, *The Economist*, 19/8/2017). Ou seja, as exigências no trabalho estão aumentando para os seres humanos e para as máquinas. Um sofisticado robô chinês, quando perguntado se ele amava o Partido Comunista, respondeu com um sonoro “não!” Foi descartado. Outro, nos Estados Unidos, falhou em captar defeitos em uma linha de montagem gerados por erros humanos. Foi abandonado.

Isso parece conversa de ficção científica, mas não é. A incorporação de inteligência artificial nos robôs ocorre em velocidade meteórica e está revolucionando o mundo real. Na última semana, não contente com a adoção dos automóveis sem motorista, a Inglaterra começou a testar os caminhões autônomos. E quando isso chegar aos ônibus? O que farão os motoristas no futuro?

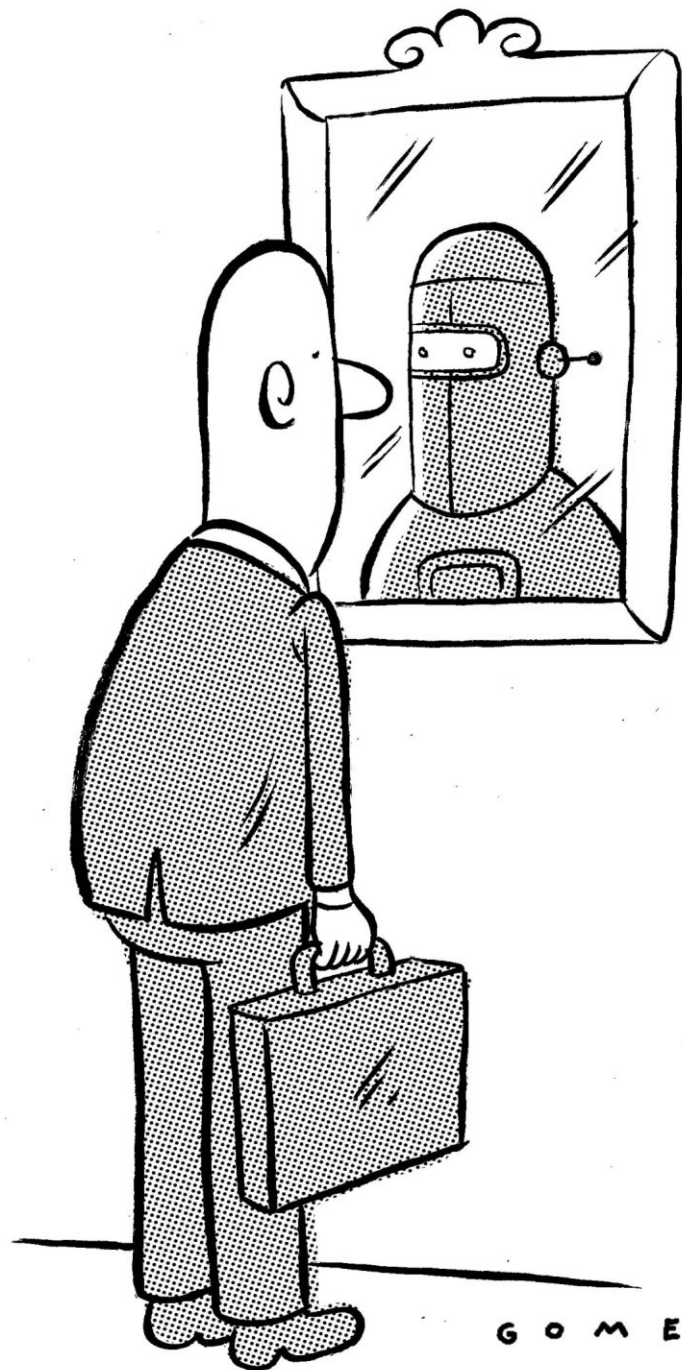
Os veículos movidos à eletricidade têm 90% menos peças do que os tocados a derivados de petróleo e exigem menos trabalho. Inglaterra e França assinaram um acordo para acabar totalmente com os veículos movidos a petróleo até 2040. Na China, todos os táxis serão elétricos até 2020. O que será dos profissionais que trabalham em montadoras?

Ninguém sabe o que vai acontecer no mercado de trabalho do futuro. Sabemos, com razoável precisão, quais empregos serão eliminados, mas, ignoramos os que serão criados. Isso é angustiante para os empregados e para os analistas do mercado de trabalho. Ninguém gosta de conviver com o desconhecido.

O que se tem nesse campo são teorias gerais ancoradas em dados históricos. Elas indicam que os avanços tecnológicos do passado foram seguidos por mais empregos e não menos. Nessa linha, citam os Estados Unidos que são, hoje, o país mais automatizado do mundo e com apenas 4,5% de desempregados.

Mas, há os que veem uma singularidade nas tecnologias atuais: elas estão substituindo os seres humanos nas tarefas rotineiras e não rotineiras, como tem ocorrido, ultimamente, com ensino a distância, tradução simultânea, diagnóstico médico, processos judiciais etc. Além de desempregar pessoas qualificadas, registra-se também o agravamento da má distribuição de renda como consequência da rápida automação.

Enfim, há teorias para todos os gostos.



G O M E Z

Mas uma coisa é certa. Terá mais chance de sobreviver e crescer no trabalho quem for capaz de se ajustar ao novo mundo tecnológico e, para isso, a educação de boa qualidade e continuada é essencial. Recentemente, li um estudo que comprova, com base em uma pesquisa robusta, que uma grande parte das profissões do futuro vai demandar não apenas bons conhecimentos técnicos como também capacidade não cognitiva sintetizada por intuição, empatia, perseverança, energia psíquica, estabilidade emocional e habilidade social. Profissionais que detêm essas características se empregam mais facilmente e auferem renda alta (Per-Anders Edin e colaboradores, *The rising return to*

*non-cognitive skill*, Bonn: Institute of Labor Economics, 2017).

Repetindo, desconhece-se quais serão as profissões do futuro, mas se sabe que capacidades cognitivas e não cognitivas serão essenciais. Conhecimentos aliados à criatividade, à empatia e à coragem serão as habilidades mais buscadas. As escolas terão de preparar as pessoas nessa direção. E o que falta será de ser apreendido na prática. Mas, aqui também, será essencial ter recebido uma boa educação nos campos de linguagem matemática, ciências e humanidades. É um desafio e tanto para o Brasil cuja maioria das escolas mal consegue alfabetizar os alunos.

## Por uma nova diplomacia para a Ásia

» PEDRO HENRIQUE BATISTA BARBOSA

Diplomata e doutorando em políticas internacionais na Universidade do Povo da China (Renmin University). As opiniões expressas pelo autor são pessoais e não refletem as do MRE

A viagem do presidente Michel Temer à China e o périplo do ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes, por países do Sudeste Asiático refletem a importância crescente que a Ásia tem ganhado no seio do governo e do empresariado brasileiro e trazem à tona o debate sobre a necessidade de definição de uma estratégia de inserção político-comercial integrada na região.

A importância do continente asiático para o país tem respaldo em números. Desde 2008, a Ásia é o principal parceiro comercial brasileiro, ultrapassando com folga tradicionais mercados, como os EUA e a União Europeia. Somente em 2016, a Ásia respondeu por um terço das trocas do Brasil com o mundo, e o saldo comercial ficou na casa dos USD 19 bilhões.

Ciente da relevância do continente para a saúde das contas externas do país e dos investimentos de empresas da região para a recuperação econômica nacional, o presidente Temer vai à China para estreitar seus laços com os países do Brics. Principais motores do crescimento econômico mundial desde o início do século 21, os cinco países do agrupamento correspondem a 24% do território, 53% da população, 23% do PIB e 19% do comércio mundiais. Mais: 23% também é a porcentagem que os Brics representam nas exportações do Brasil, sem falar de sua fatia de 29% no saldo comercial brasileiro no ano passado.

A importância dos Brics para o Brasil vai

além do campo comercial. O Brics deixou de ser um acrônimo usado apenas por analistas do mercado financeiro para se consolidar como mecanismo de coordenação político-diplomático com crescente peso nos debates sobre a reforma das estruturas de governança global (G20, FMI, Banco Mundial, ONU). Tem-se mostrado crescentemente capaz de projetar globalmente percepções e interesses comuns a países em desenvolvimento em ampla gama de temas e de defender a construção de consensos multilaterais em negociações sobre mudanças climáticas e o sistema multilateral de comércio, temas caros à diplomacia nacional.

Antes da cúpula do Brics, Temer vai a Pequim promover um país comprometido com as reformas estruturais e com o equilíbrio fiscal. Será seu sexto encontro com o presidente Xi Jinping, e o comércio bilateral deve uma vez mais dominar a agenda. E não é sem razão: a China foi o destino final de um terço de todo o volume exportado pelo agronegócio brasileiro no primeiro semestre do ano. As vendas para a China representaram quase o dobro do volume exportado para a União Europeia, segundo principal cliente do agronegócio brasileiro.

O ministro Aloysio Nunes, por sua vez, segue da China para Singapura, Malásia — onde a última visita de alto nível brasileira ocorreu em 1996, com o então chanceler Lamprera — e Vietnã, onde pretende aproximar-se da Asean, cuja soma do PIB de seus 10 países-membros constitui a sexta economia

mundial e o quarto maior parceiro comercial do Brasil (segundo na Ásia) com 620 milhões de habitantes (a metade da China e o dobro dos EUA). Oportunidades de promoção de negócios e abertura de mercados, sobretudo em agricultura, defesa e investimentos, não faltarão. Estreitar as relações Mercosul-Asean também está na ordem do dia.

Tão relevante quanto organizar visitas de alto nível à região é aproveitar a ocasião para realizar ações de inteligência comercial, como maneira de melhor balizar as escolhas de política externa. Para além das iniciativas de promoção de exportações, nossa política comercial deve buscar superar não só as barreiras tarifárias e não-tarifárias que incidem sobre nossos produtos no exterior, mas também as barreiras e pressões internas que dificultam a expansão dos nossos acordos comerciais. Esse será um dos temas da reunião que o ministro Aloysio promoverá em Singapura, com os embaixadores brasileiros no Sudeste Asiático.

Há pouco mais de 15 anos, a Ásia representava 13% do nosso comércio, bem abaixo dos EUA e da União Europeia. Hoje, já bateu a casa dos 33%, mesma taxa dos dois parceiros tradicionais somados, e segue aumentando. Num contexto em que o nosso eixo de comércio exterior se desloca do Atlântico para o Pacífico, qualquer iniciativa que busque aproximação estratégica, integrada e de longo prazo com a região, envolvendo governo, setor privado e academia, é mais do que bem-vinda.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.dfgdabr.com.br

## (Des) planejando a capital

Qualquer planejamento urbano e estratégico, minimamente aceitável, visando tornar a cidade, ao menos, funcionando sem maiores problemas, cai por terra quando se tem uma variável, como o aumento da exponencial população, extrapolando toda e qualquer previsão.

No caso de Brasília, um sítio pensado e construído originalmente para ser apenas a sede administrativa do país, o fenômeno da explosão demográfica desenfreada, verificada, sobretudo, a partir dos anos 1990, introduziu um dado inquietante para qualquer planejamento razoável. De todas as variáveis possíveis, capazes de virar as previsões de cabeça para baixo, a densidade demográfica acelerada é, talvez, a mais difícil de ser ajustada e é justamente a que está posta de agora diante do governo local.

A questão é como assentar, digna e adequadamente, tanta gente, disponibilizando infraestrutura sanitária, como água tratada e esgoto, para um contingente em elevação permanente. Por outro lado, como dar a essa multidão atendimento decente em hospitais e escolas públicas? De outro modo, como atender a essa população com transportes decentes e acessíveis?

Questões como essas, que fariam arrepiar até os mais otimistas dos planejadores, ganham ainda um contorno mais alarmante quando se constata que essa revolução humana, que acontece com a capital de todos os brasileiros, ocorre justamente durante a maior crise econômica, política e social experimentada em toda a história desse país.

Dados, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dão conta de que a capital tem 3 milhões de habitantes. Trata-se de um número assustador, se comparado com o que acreditavam os idealizadores da nova capital. Se for somada a esse número a população residente na área do Entorno, a quantidade de gente habitando, o que seria a grande Brasília, ultrapassa o espantoso 4 milhões de moradores, ou oito vezes mais do planejamento feito nos anos 1960.

O que os números revelam é que muito mais do que um crescimento demográfico normal e previsível, Brasília experimenta, nos últimos anos, um inchaço sem precedentes. Nesse sentido não é demais supor que, a continuar nesse ritmo, em pouquíssimo tempo, a capital estará imersa no mais absoluto caos e não haverá planejamento urbano científico capaz de solucionar tamanho problema.

A pergunta é: o que fazer para que, ao longo do século 21, Brasília permaneça como a solução administrativa do país e não venha se transformar na capital dos problemas nacionais? Os desafios que se apresentam para a capital serão, sem dúvida, muito maiores do que aqueles enfrentados por sua construção no fim dos anos 1950 e exigirão, talvez, tanto ou mais coragem do que os daqueles distantes tempos heroicos.

### » A frase que não foi pronunciada

“Só está preocupado em planejar quem valoriza o tempo.”

Dona Dita, lendo essa coluna

### Detalhe

» Mais do que a vida sofrida do juiz Rolando Spanholo, da 21ª Vara Federal de Brasília, que suspendeu os efeitos de “todo e qualquer ato administrativo tendente a extinguir a Reserva Nacional do Cobre e Associados (Renca)”, o que chama a atenção na notícia é que a Justiça só fez alguma coisa sobre o assunto porque um cidadão, o Antônio Carlos Fernandes, moveu uma ação popular. A Justiça não atende quem dorme, principalmente, em berço esplêndido.

Procuradoria de Goiás. É um homem competente.

### 73 anos

» Hitler nasceu na Áustria, em Braunau am Inn. Recebeu o título de cidadão honorário em 1938. Só 73 anos depois, o conselho da cidade resolveu retirar o título. Gerhard Skiba foi o prefeito que construiu um monumento contra a guerra e o fascismo. “Braunau coloca um sinal” é a tímida campanha que chama a atenção do mundo pela paz.

### No dia seguinte

» Por falar em Áustria, vale lembrar a fala de Arnold Schwarzenegger, governador da Califórnia, para o presidente Trump, sobre o nazismo e as políticas cegas: “Tenho uma mensagem para os neonazistas, para os nacionalistas brancos e os neoconfederados. Seus heróis fracassaram. Eu cresci cercado por homens quebrados, homens que chegaram em casa cheios de estilhaços, cobertos de culpa. Homens que foram induzidos ao erro por uma ideologia perdedora. Eu posso dizer: esses fantasmas que vocês idolatram passaram o resto de suas vidas vivendo em vergonha e agora estão descansando no inferno”.

### Gelatina

» Mães preocupadas com a Operação Vegas, em que funcionários da Agricultura aceitavam propina foram presos. É que uma fábrica de gelatinas está envolvida no processo, e a saúde das crianças, em perigo. Para conhecimento, a fábrica é a Gelnex.

### Página virada

» Por falar em Vegas, com o mesmo nome, a Polícia Federal de flagrou uma operação — Vegas e Monte Carlo — que provocou uma reviravolta na vida do senador Demóstenes Torres, entre 2008 e 2012. O STF anulou as provas e, hoje, o ex-senador está na

### » História de Brasília

George Homer, que foi o terceiro homem a se instalar na Cidade Livre, viajava outro dia para sua chácara, no caminho de Anápolis. Sua Rural 61 enguiçou. Procurou, por todos os meios, consertar o carro, e como não conseguiu, deu sinal para um jipe, pedindo socorro. Era o dono de uma retífica em Anápolis, que parou prontamente e o atendeu. (Publicado em 7/7/1961)